

**HOMENS TRANS:
VAMOS FALAR
SOBRE PREVENÇÃO
DE INFECÇÕES
SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS?**

Versão atualizada e corrigida



Brasília - DF
2019



1ª edição revista – 2019

Elaboração, distribuição e informações:

MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria de Vigilância em Saúde
Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais
SRTVN, Quadra 701, lote D, Edifício PO700, 5º andar
CEP: 70719-040 – Brasília/DF
Site: <http://www.aids.gov.br>
E-mail: aids@saude.gov.br

Organização e colaboração:

Adele Schwartz Benzaken
Alexandre Peixe dos Santos
Alicia Krüger
Ana Monica de Mello
Carina Bernardes
Cauã Cintra Ferreira
Damiana Bernardo de Oliveira Neto
Dênis Roberto da Silva Petuco
Diego Agostinho Callisto
Elsiane Pasini
Eric Seger de Camargo
Gilvane Casimiro da Silva
Irene Smidt Valderrama
Ivanete Ribeiro Dias Carvalho
Julian Chiba
Lam Matos
Leonardo Farias Pessoa Tenório
Luca Hanie Alves Ferreira
Liliana Pittaluga Ribeiro
Márcia Rejane Colombo
Maria Vitória Ramos Gonçalves
Rafael Carmo Ramos
Sílvia Giugliani
Társio Benício de Assis Gomes

Equipe técnica:

Alexsana Sposito Tresse
Ana Francisca Kolling
Ana Izabel Costa de Menezes
Andréa Mônica Brandão Beber
Elton Carlos de Almeida
Fernanda Fernandes Fonseca
Fernanda Moreira Rick
Filipe de Barros Perini
Francisca Lidiane Sampaio Freitas
Gláucio Mosimann Júnior
Marihá Camelo Madeira de Moura
Paula Emília Adamy
Regina Brizolara
Robério Alves Carneiro Júnior
Tatianna Meirelles de Alencar

Revisão ortográfica:

Angela Gasperin Martinazzo

Ilustrações:

Rafael Carmo Ramos

Capa/diagramação:

Fernanda Dias Almeida Mizael

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Ficha Catalográfica

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais.

Homens trans: vamos falar sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis?/Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2019.

35 p.: il.

ISBN 978-85-334-2635-1

1. HIV. 2. Atenção Básica à Saúde. 3. Agravos à Saúde. I. Título.

CDU 616.97

Catalogação na fonte – Coordenação-Geral de Documentação e Informação – Editora MS – OS 2018/0413

Título para indexação:

Trans men: let's talk about STI prevention

AGRADECIMENTOS

Somos especialmente gratos aos homens trans e transmasculinos ativistas que pesquisaram, escreveram o texto e fizeram outras colaborações para que esta cartilha pudesse acontecer:

Alexandre Peixe dos Santos (Ibrat)

Cauã Cintra Ferreira (RedeTrans)

Eric Seger de Camargo (Ibrat)

Julian Chiba (RedeTrans)

Lam Matos (Ibrat)

Leonardo Farias Pessoa Tenório (Ibrat)

Luca Hanie Alves Ferreira (RedeTrans)

Rafael Carmo Ramos (RedeTrans)

Társio Benício de Assis Gomes (Ibrat)

Um agradecimento particular também ao *Rafael Carmo Ramos*, que ilustrou esta cartilha.

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	7
2. Quem são os homens trans?	8
3. Quais seriam os homens trans mais vulneráveis às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)?	10
4. Conheça seu órgão sexual.....	12
4.1 Uso de <i>packer</i> /prótese peniana	13
4.2 Uso do pump para clitóris	13
5. O que são as IST?	13
6. Como as IST são transmitidas?	14
7. Quais e como são as IST mais comuns?	15
7.1 HIV.....	15
7.2 Hepatites virais	16
7.3 HPV.....	18
7.4 Sífilis.....	19
7.5 Gonorreia	20
8. Prevenção de IST no sexo oral, vaginal e anal.....	20
8.1 Sexo oral	22
8.2 Como utilizar o preservativo peniano	22
8.3 Como utilizar o preservativo vaginal.....	22
8.4 Uso de lubrificante e cuidados para não romper o preservativo.....	23
8.5 Onde conseguir preservativos e lubrificantes no SUS.....	24
9. PrEP: profilaxia contra o HIV antes da exposição.....	24
10. PEP: profilaxia após a exposição ao risco de ter HIV e outras IST	25

11. Antirretrovirais, PrEP e PEP x hormonização.....	26
12. Testagem rápida de HIV, sífilis e hepatites B e C	26
13. Prevenção da transmissão de IST na gravidez, parto e amamentação	27
14. Outros cuidados pessoais importantes na prevenção.....	28
15. Como reduzir as chances de ter IST em uma relação sexual desprotegida	29
16. Mais direitos dos homens trans no SUS.....	30
16.1 Política nacional de saúde integral LGBT.....	30
16.2 Respeito ao nome social em todo o SUS.....	31
16.3 Cartão SUS com nome social.....	31
16.4 Processo transexualizador no SUS	32
17. Referências.....	33

1 APRESENTAÇÃO

Se você se identifica como homem trans ou pessoa transmasculina, esta cartilha foi feita para você, especialmente se você tem ou deseja ter uma vida sexual ativa. O objetivo é levar a você informações sobre como se transmitem e se previnem infecções sexualmente transmissíveis (IST) – ou seja, como fazer sexo seguro. A intenção é que, estando mais informado, você tenha mais recursos para se cuidar e, assim, diminua suas chances de ter uma IST. Além disso, caso você tenha uma dessas infecções (e não saiba), não correrá o risco de transmiti-la para outras pessoas.

Mas fique tranquilo! Fizemos um esforço no sentido de apresentar várias opções sobre formas de prevenção, mapeando as possibilidades de orientações e práticas sexuais para as mais diversas formas de ser trans. Esta cartilha abordará também outros assuntos muito importantes, que têm tudo a ver com IST, seu corpo e sua vida de homem trans, como gravidez, prevenção de câncer de colo de útero, uso de *packer*/prótese peniana e ducha higiênica anal (chuca).

A promoção da saúde integral, sexual e reprodutiva dos homens trans é um dever do Estado e um direito dessa população, garantido por meio da Política Nacional de Saúde Integral de Pessoas LGBT (BRASIL, 2013a), do Processo Transexualizador no SUS (BRASIL, 2017b) e dos princípios da Prevenção Combinada (BRASIL, 2017a).

Esta cartilha é resultado de uma parceria entre o Ministério da Saúde e duas organizações do movimento social de homens trans e transmasculinos do Brasil: o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (Ibrat) e a Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil (RedeTrans), e é destinada à população de homens trans e trabalhadores(ras) da saúde.

2 QUEM SÃO OS HOMENS TRANS?

No Brasil, a identidade dos *homens trans* vem se consolidando há alguns anos: é o grupo de pessoas que, ao nascer, foram consideradas do sexo feminino, mas que, ao se desenvolverem, expressam uma identidade masculina (ou dentro das masculinidades), sentem-se pertencentes ao gênero masculino e buscam o reconhecimento social como homem, homem trans ou pessoa transmasculina.

Em geral, os homens trans se colocam na sociedade expressamente como diferentes das mulheres; mas, se ainda não tiveram contato com a identidade social e cultural dos “homens trans”, é possível que ainda não tenham tido a oportunidade de se posicionarem de um modo diferente do que dentro da categoria de “mulher”.

Homens trans, culturalmente, têm a expressão de sua masculinidade por meio do uso de roupas atribuídas ao gênero masculino, cortes de cabelo curto e um “nome social” (um nome masculino pelo qual se reconhecem e se apresentam, para serem chamados por outras pessoas). Muitas vezes também é utilizado algum recurso para comprimir os seios, antes da mamoplastia, como coletes compressores ortopédicos, fitas adesivas ou faixas – os “binders”.



Além disso, o uso de testosterona pode ser requerido para produzir características físicas como crescimento de barba e de pelos corporais, engrossamento da voz, distribuição de gordura em um padrão mais "masculino", aumento da musculatura, interrupção da menstruação e crescimento do clitóris. Ainda, pode-se buscar a cirurgia para a retirada das mamas e masculinização do tórax (mastectomia e/ou mamoplastia masculinizadora), a retirada do útero e ovários (histerectomia total), o fechamento do canal vaginal e a cirurgia genital (como a neofaloplastia e a metoidioplastia).

Nem todos os homens trans buscam todas essas tecnologias, pois não existe uma maneira única de ser homem trans e pessoa transmasculina. Esses são os recursos culturais que podem ser requeridos para que, assim, cada um adapte a expressão do seu gênero e masculinidade de modo a se sentir mais confortável em relação ao seu corpo, tenha mais bem-estar psicológico e alcance mais satisfação em relação ao reconhecimento social de sua identificação no gênero masculino.

Essa chamada "transição de gênero" (assumir uma identidade diferente da designada ao nascimento) é uma busca legítima e que deve ser respeitada, sendo muitas vezes necessária para a felicidade do indivíduo. É muito importante que o homem trans tenha autonomia quanto às decisões sobre seu corpo, além de respeitar sua individualidade e seu próprio tempo para realizar e experimentar o que desejar, e apenas se desejar.

Pessoas transmasculinas ou Transmasculinos

Algumas pessoas que se identificam com as transmasculinidades não se reconhecem dentro do rótulo de "homens". São os transmasculinos ou pessoas transmasculinas: foram designados como "mulheres" ao nascer e se identificam mais dentro do espectro das masculinidades, mas de uma forma "não binária" (fora da categoria binária homem ou mulher).

3 QUAIS SERIAM OS HOMENS TRANS MAIS VULNERÁVEIS ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST)?

Existem algumas pesquisas internacionais (NEMOTO; OPERARIO; KEATLEY, 2004) a respeito de IST na população de homens trans e pessoas transmasculinas; no Brasil, contudo, ainda há poucos dados para consolidar com maior precisão qual o perfil de homens trans com mais chances de ter uma IST e quais deles seriam mais vulneráveis. Porém, com o que se tem de informação científica disponível, pode-se sugerir que os homens trans mais vulneráveis às IST são:

- Aqueles que tiveram ou têm vida sexual ativa, sem uso de preservativos, independentemente de sua orientação sexual ou do gênero de seu(sua) parceiro(a);
- Heterossexuais, gays, bissexuais ou pansexuais que fazem sexo sendo penetrados por seus(suas) parceiros(as) que têm pênis;
- Jovens entre 15 e 24 anos: 60% da população brasileira iniciam a vida sexual antes dos 19 anos, e a epidemia de HIV segue mais frequente e persistente nessa faixa etária entre pessoas trans (BRASIL, 2018d);
- Os que fazem sexo desprotegido com múltiplos(as) parceiros(as);
- Pessoas que usam álcool e outras drogas: é importante observar que o consumo de álcool, tabaco e maconha é grande entre homens trans (SOUZA et al., 2015);
- A população de homens trans privados de liberdade, concentrada no interior dos presídios e colônias penais femininas brasileiras;
- Os(as) trabalhadores(as) do sexo.

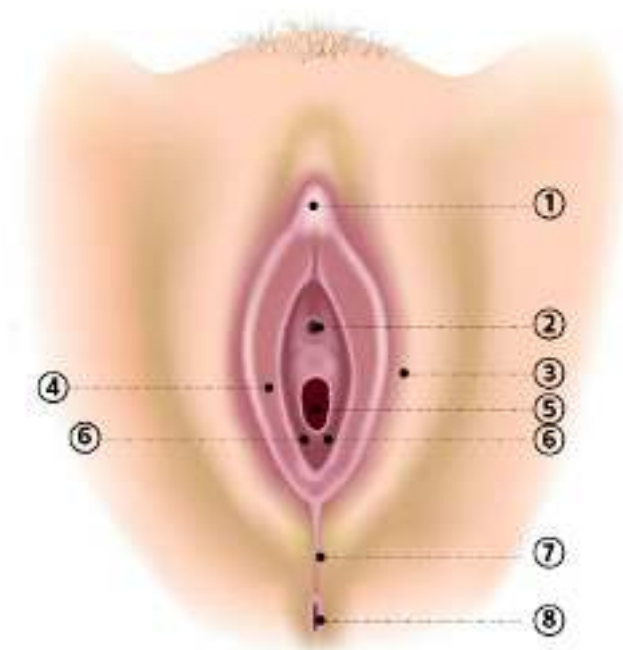
Ainda assim, todos os homens trans e transmasculinos brasileiros devem ser contemplados por políticas públicas de saúde para prevenção dessas IST e fazer com regularidade a testagem para HIV, sífilis e hepatites virais B e C – que estão disponíveis no Sistema Único de Saúde (SUS).

Também está disponível no SUS a vacinação contra HPV (para meninos trans, que nasceram com útero, entre 9 e 14 anos de idade) (BRASIL, 2018a) e contra hepatite B (para todos, independentemente da idade, orientação sexual e identidade de gênero, que não tenham hepatite B). Além da vacinação para HPV, o exame preventivo de colo de útero (Papanicolaou) deve ser avaliado para homens trans com vida sexual ativa.

Para mais informações a respeito das recomendações do Ministério da Saúde sobre rastreio, diagnóstico e tratamento de pessoas com IST, consulte o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às pessoas com IST – PCDT IST (BRASIL, 2018d), disponível em www.aids.gov.br/pcdt.

4 CONHEÇA SEU ÓRGÃO SEXUAL

Figura 1. Órgão sexual



Fonte: DIAHV/SVS/MS.

1. Clitoris: região que possui mais sensibilidade erógena
2. Uretra: canal por onde é eliminada a urina
3. Grandes lábios
4. Pequenos lábios
5. Canal vaginal: no fundo desse canal fica o colo do útero
6. Glândulas de Bartholin: produzem a lubrificação da vagina quando a pessoa está excitada
7. Períneo: região entre o canal vaginal e o ânus
8. Ânus

4.1 USO DE PACKER/PRÓTESE PENIANA

O *packer* não é uma prótese permanente, podendo ser utilizada no sexo, no ato de urinar e para volume genital. É importante manter o material higienizado (limpo) para sua utilização.

Ao utilizar o seu *packer*/prótese peniana nas relações anal e/ou vaginal, use preservativos.

4.2 USO DO PUMP PARA CLITÓRIS

O *pumping*, mais conhecido como "*pump*", é uma prática que consiste em utilizar um equipamento para produzir vácuo e puxar o clitóris, com o objetivo de aumentá-lo. Não há estudos que demonstrem evidências científicas contundentes sobre sua eficácia e segurança.

Alerta-se sobre a importância do cuidado com a pressão excessiva sobre o clitóris e a higienização adequada do material utilizado, a fim de reduzir o risco de lesões na pele e mucosa e/ou infecções.

5 O QUE SÃO AS IST?

As IST são infecções cuja transmissão ocorre mais frequentemente por meio das relações sexuais (vaginais, orais ou anais). Em geral, são assintomáticas e também podem ser transmitidas nessa fase. Quando sintomáticas, podem causar adoecimentos mais simples ou complicações. Por isso, é importante sempre se prevenir e realizar exames regularmente. Vamos falar principalmente das IST mais prevalentes e graves na população geral, contextualizando-as na vida dos homens trans.

Para informações mais detalhadas sobre IST, consulte o PCDT IST, disponível em: www.aids.gov.br/pcdt.

6 COMO AS IST SÃO TRANSMITIDAS?

As principais vias de transmissão de IST são:

- Relações sexuais vaginais (quando o pênis é introduzido na vagina) desprotegidas;
- Relações sexuais anais (quando o pênis é introduzido no ânus) desprotegidas;
- Relações sexuais orais (quando a vagina, o clitóris ou o pênis estão em contato direto com a boca do parceiro ou parceira) desprotegidas;
- Troca de fluidos corporais: a secreção vaginal e uterina, a menstruação, a lubrificação da uretra do pênis, o esperma e o sangue são fluidos corporais que transmitem os vírus ou bactérias sexualmente transmissíveis. A fricção entre órgãos sexuais e o sexo oral podem transferir esses microrganismos de você à outra pessoa, ou vice-versa;
- Durante a gestação, parto e aleitamento;
- Também há risco de transmissão por meio de partilha de: brinquedos sexuais (*packers*/prótese peniana, vibradores etc.), objetos utilizados para fazer ducha higiênica anal (chuca), lâminas de barbear, lâminas de depilar, alicates de unha e seringas para injeção (ex.: testosterona ou drogas injetáveis).

Para mais informações sobre as formas de transmissão das IST, consulte o PCDT IST, disponível em: www.aids.gov.br/pcdt.

7 QUAIS E COMO SÃO AS IST MAIS COMUNS?

7.1 HIV

HIV é uma sigla em inglês que significa "vírus da imunodeficiência humana". Esse vírus, causador da doença conhecida como "aids" (síndrome da imunodeficiência adquirida), ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças infecciosas. Ter HIV não é a mesma coisa que ter aids.

Há muitas pessoas vivendo com HIV que passam anos sem apresentar sinais ou sintomas e sem desenvolver a doença (aids). Mas, podem transmitir o vírus a outras pessoas por meio de relações sexuais (vaginal, anal e oral) desprotegidas.

O diagnóstico ocorre mediante a realização de exames disponíveis no SUS. Não há cura para infecção pelo HIV, mas existe tratamento com medicamentos antirretrovirais (ARV). O tratamento correto com ARV é altamente eficaz, torna a carga viral indetectável, melhora a qualidade de vida da pessoa vivendo com HIV e diminui a possibilidade de transmissão do vírus.

ASSIM PEGA	ASSIM NÃO PEGA
<i>Penetração vaginal e anal sem preservativo</i>	<i>Beijos e abraços</i>
<i>Sexo oral sem barreira de contenção</i>	<i>Compartilhamento de copos, pratos e talheres</i>
<i>Compartilhamento de seringas e outros materiais perfurocortantes</i>	<i>Uso de banheiro</i>
<i>Não realizar os cuidados necessários para prevenir a transmissão vertical para o bebê durante a gestação</i>	<i>Masturbação</i>
	<i>Picada de insetos</i>

Para mais informações sobre a infecção pelo HIV, consulte o PCDT para Manejo da Infecção pelo HIV em Adultos, disponível em: www.aids.gov.br/pcdt.

7.2 HEPATITES VIRAIS

São doenças silenciosas causadas por vírus que prejudicam o fígado, podendo levar à cirrose e/ou ao câncer de fígado, principalmente quando não tratadas.

A hepatite A é uma doença aguda de transmissão oral-fecal geralmente por meio de água e alimentos contaminados, mas pode estar relacionada à transmissão durante as relações sexuais, principalmente no contato oral-anal. As medidas de prevenção dessa infecção durante a prática sexual são: higienização das mãos, genitália, períneo e região anal antes e após as relações sexuais, além da higienização de *packers*/próteses penianas etc. Outra possível forma de prevenção à hepatite A é a imunização por vacina, que está disponível no SUS para crianças e adultos com indicações específicas (BRASIL, 2014a).

As hepatites B e C são transmitidas por meio de relações sexuais desprotegidas, contágio por sangue e compartilhamento de objetos contaminados, e por transmissão vertical (durante a gestação e parto). O diagnóstico ocorre mediante a realização de exames disponíveis

no SUS. A principal forma de prevenção da hepatite B é a vacinação, oferecida no SUS para todas as pessoas, independentemente da idade. A hepatite C não tem vacina, mas tem tratamento também disponível no SUS (BRASIL, 2016b; BRASIL, 2018c).

A hepatite D depende do vírus da hepatite B para causar infecção. A transmissão pode ocorrer ao mesmo tempo (hepatite B/D), ou então pessoas que já tenham a infecção pela hepatite B podem se infectar com o vírus da hepatite D. As formas de prevenção são as mesmas das hepatites B e C. A vacina de hepatite B previne indiretamente para a hepatite D.

ASSIM PEGA	ASSIM NÃO PEGA
<i>Penetração vaginal sem preservativo</i>	
<i>Penetração anal sem preservativo</i>	
<i>Compartilhar packers/próteses penianas etc.</i>	<i>Abraço</i>
<i>Compartilhamento de seringa e outros materiais perfurocortantes</i>	<i>Aperto de mão</i>
<i>Contato com sangue e secreções (de pessoas que tenham hepatite B, C ou D)</i>	<i>Uso de banheiro</i>
<i>Tatuagem e piercing com material reutilizado</i>	<i>Masturbação</i>
<i>Alimentos e água contaminados (hepatite A)</i>	<i>Picada de insetos</i>

Para saber mais sobre hepatites virais, consulte os PCDT para Hepatites B e C e Coinfecções, disponíveis em: www.aids.gov.br/pcdt.

7.3 HPV

A infecção pelo papilomavírus humano (HPV) é uma IST transmitida por meio do contato pele com pele, mas, diferentemente das demais, não é preciso haver troca de fluidos para que a transmissão ocorra. O vírus atinge a pele e as mucosas, podendo causar verrugas ou lesões precursoras de câncer de colo de útero, garganta, pênis ou ânus. Em homens trans, pessoas transmasculinas e mulheres cis, essas lesões podem se manifestar normalmente na vulva, na vagina, no períneo, no colo do útero e no ânus.

Na maioria dos casos, não há manifestação aparente. A descoberta da infecção ocorre normalmente por alterações encontradas no exame preventivo de câncer de colo de útero (Papanicolaou).

Está disponível no SUS a vacinação contra HPV para meninos trans, que nasceram com útero, entre 9 e 14 anos de idade (BRASIL, 2014a).

ASSIM PEGA	ASSIM NÃO PEGA
<i>Penetração vaginal e anal sem preservativo</i>	
<i>Sexo oral sem barreira de contenção</i>	<i>Beijos e abraços</i>
<i>Não realizar os cuidados necessários para prevenir a transmissão vertical para o bebê durante a gestação</i>	<i>Compartilhamento de copos, pratos e talheres</i>
<i>Formas de transmissão mais raras: contato com verrugas de pele, compartilhamento de roupas íntimas, toalhas etc.</i>	<i>Uso de banheiro</i>

É necessário fazer o exame preventivo de câncer de colo de útero regularmente, a partir dos 25 até os 64 anos, se iniciada a vida sexual. Realiza-se a coleta da secreção vaginal para análise laboratorial. Você deve aguardar e mostrar o resultado para sua equipe de saúde. Caso o exame esteja normal, seguir recomendação de rastreamento (BRASIL, 2016a).

Para saber mais sobre a infecção pelo HPV, consulte o PCDT IST, disponível em: www.aids.gov.br/pcdt.

7.4 SÍFILIS

É uma IST curável, causada por bactéria. É transmitida por via sexual e vertical (durante a gestação, para a criança – sífilis congênita). Se não houver tratamento, a infecção pode evoluir para diferentes estágios clínicos:

- **Sífilis latente:** condição frequente, em que não há presença de sinais ou sintomas (assintomática);
- **Sífilis primária:** presença de uma ferida pequena e indolor nos órgãos sexuais e ânus;
- **Sífilis secundária:** surgimento de manchas no corpo, que geralmente não coçam. Pode haver febre, mal-estar, dor de cabeça e ínguas pelo corpo;
- **Sífilis terciária:** ocorrem lesões cutâneas, ósseas, cardiovasculares e neurológicas, que podem levar à morte;
- **Sífilis congênita:** a sífilis, quando existente e não tratada, pode ser transmitida ao feto na gestação e causar complicações, como aborto e morte prematura do recém-nascido, ou prejudicar seu desenvolvimento. Dessa forma, é muito importante para a prevenção a realização de pré-natal, com diagnóstico, tratamento, acompanhamento da evolução da gravidez e abordagem da(s) parceria(s) sexual(is).

Nos estágios primário e secundário da infecção, a possibilidade de transmissão é maior.

Os testes para diagnóstico e o tratamento da sífilis estão disponíveis no SUS.

Para saber mais sobre sífilis, consulte o PCDT IST, disponível em: www.aids.gov.br/pcdt.

ASSIM PEGA	ASSIM NÃO PEGA
<i>Penetração vaginal e anal sem preservativo</i>	<i>Beijos e abraços</i>
<i>Sexo oral sem barreira de contenção</i>	<i>Compartilhamento de copos, pratos e talheres</i>
<i>Não realizar os cuidados necessários para prevenir a transmissão vertical para o bebê durante a gestação</i>	<i>Uso de banheiro</i>
	<i>Picada de insetos</i>

7.5 GONORREIA

Também é uma IST curável, causada por bactéria. Na maioria das vezes, está associada a uma infecção que atinge os órgãos genitais, a garganta e os olhos. Essas infecções frequentemente têm como primeiro sinal a presença de corrimento vaginal ou peniano amarelado ou claro, com mau cheiro. Quando não tratada, a gonorreia pode causar complicações, como dor no baixo ventre (no pé da barriga), dor ao urinar, dor ou sangramento na penetração, aborto e infertilidade.

Existem outras IST que são relevantes para a saúde sexual de homens trans, tais como tricomoníase, herpes e infecção por clamídia.

Para mais informações, consulte o PCDT IST, disponível em: www.aids.gov.br/pcdt.

8 PREVENÇÃO DE IST NO SEXO ORAL, VAGINAL E ANAL

A “prevenção combinada” é um conjunto de estratégias de prevenção com uso de intervenções biomédicas, comportamentais e estruturais direcionadas às pessoas e aos grupos sociais a que pertencem, considerando necessidades, especificidades e formas de transmissão do HIV e de outras IST (BRASIL, 2017a), expressas na Figura 2. Em resumo (pois falaremos de uma por uma nas próximas páginas da cartilha), essas estratégias são:

- Uso de preservativos (penianos e vaginais) e gel lubrificante;
- Profilaxia Pós-Exposição (PEP);
- Profilaxia Pré-Exposição (PrEP);
- Testagem para HIV, sífilis e hepatites B e C;
- Redução de danos para as pessoas que usam álcool e outras drogas;
- Estratégias de comunicação (campanhas educativas e de sensibilização);
- Estratégias de comunicação de educação entre pares (como esta cartilha);
- Ações estruturais de enfrentamento ao racismo, sexismo, LGBTfobia e demais preconceitos.

Figura 2. Medidas de prevenção combinada



Fonte: DIAHV/SVS/MS.

8.1 SEXO ORAL

O preservativo feminino/masculino é comumente usado no sexo oral, na vagina ou no ânus, para que a boca do(a) parceiro(a) não entre em contato direto com essas regiões, pois algumas IST podem ser transmitidas de uma pessoa a outra quando o sexo oral é feito de forma desprotegida.

8.2 COMO UTILIZAR O PRESERVATIVO PENIANO

Abra a embalagem do preservativo com os dedos, pelo lado serrilhado;

01

Segure o preservativo pela ponta e o desenrole completamente ao redor do pênis já ereto, até a base;

02

Depois da penetração, retire o pênis ainda duro da vagina ou ânus segurando a base do preservativo, para não escapar esperma perto do seu órgão sexual ou ânus;

03

Use o indicador e o polegar para firmar o preservativo, formando a barreira.

04

8.3 COMO UTILIZAR O PRESERVATIVO VAGINAL

Abra a embalagem do preservativo com os dedos, pelo lado serrilhado;

01

Retire o preservativo da embalagem e segure a argola interna com o polegar e o dedo indicador;

02

Com o dedo indicador, certifique-se de que a argola interna esteja bem no fundo da vagina;

03

A argola externa deve ficar para fora da vagina;

04

No momento da penetração, segure a argola externa com uma das mãos;

05

Depois da penetração, torça a argola externa do preservativo, retire-o com cuidado e o descarte no lixo.

06

8.4 USO DE LUBRIFICANTE E CUIDADOS PARA NÃO ROMPER O PRESERVATIVO

- Verificar se o preservativo está dentro do prazo de validade.
- Guardar o preservativo em local sem calor nem umidade. Observação: a carteira não é um bom local, pelo desgaste de ficar o dia todo no bolso.
- O uso do lubrificante é importante para reduzir o risco de o preservativo estourar e para não ferir ou assar a vagina ou ânus por dentro — ferimentos e fissuras são a porta de entrada para a transmissão de IST no organismo. O ânus não tem lubrificação natural suficiente; por isso, o lubrificante é fundamental. No caso de homens trans que usam testosterona, pode ser que a vagina fique mais seca (com menos lubrificação); nesse caso, o lubrificante também é importante para o sexo vaginal.
- A largura do preservativo peniano deve ser correspondente à do pênis ou *packer*/prótese peniana: mais fino (49 mm), médio (52 mm) ou mais grosso (55 mm). O preservativo vaginal pode ser utilizado independentemente do tamanho do pênis que for penetrar, sendo também útil caso o pênis ou *packer*/prótese peniana sejam muito grossos (BRASIL, 2018d).

8.5 ONDE CONSEGUIR PRESERVATIVOS E LUBRIFICANTES NO SUS

Os preservativos utilizados em vaginas e pênis, bem como os lubrificantes, são distribuídos nos serviços de saúde do SUS, como unidades básicas de saúde, postos de saúde, secretarias de saúde (em especial no setor de prevenção de IST/HIV/aids), Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) de IST e nos Serviços de Atenção Especializada (SAE) em HIV/aids. Podem também ser encontrados em centros de referência LGBT, coordenações LGBT e organizações não governamentais que trabalham com a população LGBT, com prevenção de IST e/ou com luta por direitos de pessoas vivendo com HIV.

9 PREP: PROFILAXIA CONTRA O HIV ANTES DA EXPOSIÇÃO

A Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) consiste no uso diário e contínuo de antirretrovirais por pessoas não infectadas pelo HIV, com o intuito de reduzir o risco de infecção pelo vírus antes de as relações sexuais desprotegidas acontecerem.

O uso correto do medicamento reduz em mais de 90% o risco de infecção pelo HIV, mas a eficácia dessa proteção está relacionada à boa adesão e ao uso correto e regular da profilaxia. E, ainda assim, recomenda-se que a PrEP esteja combinada com as outras medidas de prevenção, como o uso de preservativos e gel lubrificante.

A PrEP é indicada para as pessoas mais vulneráveis ao HIV, como no caso de pessoas trans que tenham práticas sexuais de risco acrescido.

Essa profilaxia já está sendo disponibilizada no SUS em alguns municípios brasileiros. Confira se o local em que você reside oferece PrEP e consulte o PCDT para a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) de Risco à Infecção pelo HIV, bem como outras informações, em www.aids.gov.br/prep.

10 PEP: PROFILAXIA APÓS A EXPOSIÇÃO AO RISCO DE TER HIV E OUTRAS IST

A Profilaxia Pós-Exposição (PEP) é uma forma de prevenção à infecção pelo HIV e outras IST para pessoas que tenham tido alguma exposição de risco a esses agravos, seja por via sexual consentida, violência sexual ou acidente laboral.

Ao procurar os serviços que oferecem PEP, as hepatites virais e outras IST também são avaliadas e tratadas caso a caso.

No caso específico do HIV, os medicamentos precisam ser tomados por 28 dias, sem parar, para impedir a infecção pelo vírus, sempre com orientação de um profissional de saúde. A PEP deve ser iniciada em até 72 horas da exposição ao HIV. Essa medida não substitui outras estratégias de prevenção ao HIV e outras IST, como o uso do preservativo.

Para mais informações, consulte o PCDT para Profilaxia Pós-Exposição (PEP) de Risco à Infecção pelo HIV, IST e Hepatites Virais, assim como a página www.aids.gov.br/pep/.

11 ANTIRRETROVIRAIS, PREP E PEP X HORMONIZAÇÃO

Alguns homens trans se preocupam com a interação medicamentosa entre a PrEP, a PEP, o tratamento com os ARV e a hormonização com testosterona.

São necessárias pesquisas sobre essa questão em relação à PrEP e à PEP, embora, inicialmente, acredite-se que não haja prejuízo no uso conjunto de PrEP ou PEP e a hormonização.

Naquelas pessoas que vivem com HIV e fazem uso concomitante da testosterona, sabe-se que não há interação medicamentosa que cause prejuízo (BRASIL, 2018b).

12 TESTAGEM RÁPIDA DE HIV, SÍFILIS E HEPATITES B E C

Testes rápidos são aqueles cuja execução, leitura e interpretação ocorrem, no máximo, em 30 minutos. Além disso, são de fácil realização e não necessitam de estrutura laboratorial, sendo executados geralmente com uma amostra de sangue. Os testes rápidos de HIV, sífilis e hepatites virais B e C estão disponíveis no SUS.

É importante saber que, caso você tenha tido uma exposição recente a uma IST, o resultado dos exames pode ainda não estar reagente (positivo), ainda que você já esteja infectado. Isso ocorre devido à chamada “janela imunológica”, que é o período em que há infecção, mas os testes ainda não apresentam resultado reagente (positivo). Cada teste possui janela imunológica própria e, portanto, se a suspeita de infecção permanecer, o teste deverá ser repetido (geralmente em 30 dias). Por isso, convém sempre realizar exames e se prevenir quanto à possibilidade da transmissão dessas IST, utilizando os preservativos e outras barreiras de proteção.

Faça os testes rápidos nos serviços de saúde do SUS do seu município ou no município mais próximo.

Para mais informações sobre diagnóstico e janela imunológica dos testes para IST, consulte os Manuais Técnicos para diagnóstico do HIV, Sífilis e Hepatites Virais, disponíveis em www.aids.gov.br.

13 PREVENÇÃO DA TRANSMISSÃO DE IST NA GRAVIDEZ, PARTO E AMAMENTAÇÃO

A transmissão vertical das IST, HIV e/ou hepatites virais é a infecção da criança que acontece durante a gestação, no parto ou pela amamentação (no caso do HIV).

É importante realizar o pré-natal e os testes, pois quanto antes ocorrer o diagnóstico da infecção e o início do tratamento, menor o risco da transmissão para a criança.

Homens trans que desejam engravidar ou estejam grávidos devem procurar profissionais de saúde para orientações individualizadas de cuidado e hormonização.

Para mais informações sobre as recomendações para prevenção da transmissão vertical, consulte o PCDT para Prevenção da Transmissão Vertical de HIV, Sífilis e Hepatites Virais, disponível em www.aids.gov.br/pcdt.

14 OUTROS CUIDADOS PESSOAIS IMPORTANTES NA PREVENÇÃO

Faça da saúde sexual uma parte da sua vida. Aproveite o sexo com segurança. Veja algumas medidas de prevenção ao HIV e outras IST:

- Use sempre preservativo (vaginal ou peniano) nas relações sexuais;
- Faça os testes rápidos e ou laboratoriais de HIV, sífilis e hepatites virais B e C regularmente;
- Vacine-se contra hepatite e HPV, conforme indicação;
- Use luvas de látex quando usar os dedos para penetração ou *fisting*;
- Faça barreira protetora com preservativo durante o sexo oral;
- Use lubrificante a base de água para reduzir o risco de sangramento ou rompimento do preservativo durante o sexo (caso opte por usar o lubrificante de silicone, saiba que ele pode danificar o *packer*/prótese peniana). Também é possível que haja mudança na lubrificação vaginal devido ao uso de testosterona;
- Se você usa um *packer*/prótese peniana para ter relações sexuais, aumentar o volume ou urinar, mantenha-o sempre higienizado;
- Previna-se com uso de preservativo em seu *packer*/prótese peniana ao penetrar (relações anal e/ou vaginal);
- Tenha em mente que a testosterona não previne a gravidez; portanto, fale com o(a) profissional de saúde sobre formas seguras e eficazes de prevenir ou planejar a gestação;
- Não compartilhe objetos pessoais (alicates de unha e cutícula, barbeador ou lâmina de barbear, lâmina de depilar, *packer*/prótese peniana ou objetos para fazer ducha higiênica anal – chuca) e roupas íntimas;

- Solicite a troca de agulhas e de tinta quando for fazer tatuagens e *piercings*;
- Fale sobre sexo com seu(sua) parceiro(a). Discuta o que você gosta e não gosta de fazer, e como manter o sexo mais seguro e prazeroso para ambos.

Procure o serviço de saúde mais próximo para ter acesso às estratégias de prevenção do HIV, IST e hepatites virais que foram descritas nesta cartilha e escolha aquela(s) que julga mais adequada(s) para você.

15 COMO REDUZIR AS CHANCES DE TER IST EM UMA RELAÇÃO SEXUAL DESPROTEGIDA

Se você tem uma parceira ou um parceiro há muito tempo e deseja ter relação sexual sem preservativos nem barreiras (escolha de alguns casais), como fazer isso da forma mais segura? Sendo um casal monogâmico ou não, vocês precisam ter uma relação de confiança muito desenvolvida e bastante responsabilidade para tomar essa decisão.

Vocês podem procurar a unidade de saúde no SUS e solicitar exames de HIV, sífilis, hepatites B e C, gonorreia e o exame do preventivo de câncer de colo de útero. Também é possível realizar a PrEP antes de acontecer a relação sexual desprotegida.

É importante saber que as diferentes práticas sexuais desprotegidas têm riscos distintos de transmissão de IST: sexo oral (menor risco), seguido por sexo vaginal e, finalmente, sexo anal (maior risco). Evite também relação sexual desprotegida com várias pessoas, para não aumentar o risco de transmissão.

Se a relação sexual desprotegida não foi planejada, se aconteceu de modo passional, se você estava bêbado ou sob uso de outras substâncias ou, ainda, se você foi vítima de alguma violência sexual, você pode utilizar a PEP para HIV e outras IST.

Ainda assim, pense bem na possibilidade de continuar utilizando os preservativos. Todos gostam de transar e sentir prazer, não é mesmo? Mas o que você acha de transar, sentir prazer e ainda ficar com a cabeça despreocupada depois, sem medo de ter se infectado com alguma IST ou HIV? Basta ter consciência de que praticar sexo mais seguro não é ter que abrir mão de sentir prazer, mas sim combinar as duas coisas.

16 MAIS DIREITOS DOS HOMENS TRANS NO SUS

16.1 POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE INTEGRAL LGBT

Você sabia que todos têm direito ao livre acesso ao serviço de saúde pública? Independentemente de raça, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, credo e outros fatores, o acesso à saúde pública é um direito básico do cidadão, garantindo a todos o direito de prevenção, manutenção e recuperação da saúde humana (BRASIL, 2013a).

Em teoria, todos temos acesso à saúde; porém, na prática, sabemos que muitas pessoas trans não irão ou deixarão de ir aos serviços de saúde, em função da discriminação. Por mais que seja um direito assegurado, o sistema ainda é sustentado pelo trabalho de pessoas e profissionais, com suas crenças, convicções e preconceitos, o que pode dificultar o acesso de alguns grupos, como é o caso das pessoas trans. Por isso, é importante conhecer seus direitos e se apropriar deles, reivindicando-os em qualquer situação em que alguém tente desrespeitá-los.

Hoje, no SUS, existe a Política Nacional de Saúde Integral LGBT, que reforça alguns direitos básicos da população LGBT, em especial da população trans. É essencial continuar lutando pela manutenção desses e de novos direitos, no intuito de conquistar cada dia mais igualdade na oferta dos serviços do SUS. Informe-se sobre seus direitos, cuide de sua saúde, previna-se!

16.2 RESPEITO AO NOME SOCIAL EM TODO O SUS

Você sabia que tem o direito, em toda a rede de saúde pública do Brasil, de ser chamado pelo seu nome social (o nome masculino que você utiliza, mesmo que não seja o mesmo nome nos seus documentos oficiais) e ter um campo para registrar o nome social nos documentos internos dos serviços de saúde? Isso é garantido no SUS, por meio da Portaria nº 1.820, de 13 de agosto de 2009 (BRASIL, 2009), que cria a Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde e garante o respeito ao seu nome social e à sua identidade de gênero, enquanto homem trans e pessoa transmasculina.

16.3 CARTÃO SUS COM NOME SOCIAL

Em conformidade com o direito ao nome social garantido na Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde, o Cartão SUS pode ser impresso apenas com o nome social, a data de nascimento e o número do Cartão SUS, sem o nome que consta no RG.

O Núcleo Técnico do Cartão Nacional de Saúde criou a Nota Técnica nº 18/2014 (BRASIL, 2014b) no sentido de esclarecer e orientar gestores da saúde e operadores do Sistema CADSUS Web, responsável pelo cadastramento de usuários do SUS. Nessa nota, é informado como se preenche o campo “Nome Social/Apelido” e como se imprime o Cartão SUS somente com o nome social.

16.4 PROCESSO TRANSEXUALIZADOR NO SUS

A política de saúde específica para pessoas trans (transexuais, travestis, transgêneros e intersexuais) é o chamado “Processo Transsexualizador no SUS”, instituído no Brasil pela Portaria nº 1.707, de 18 de agosto de 2008, do Ministério da Saúde. Esse processo foi redefinido e ampliado, e atualmente encontra-se normatizado pela Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017 (BRASIL, 2017b). Essa portaria aborda, dentre outras diretrizes, a Atenção Básica em saúde como porta de entrada, incluindo acolhimento e humanização do atendimento livre de discriminação, por meio da sensibilização dos trabalhadores e demais usuários e usuárias da unidade de saúde para o respeito às diferenças e à dignidade humana, em todos os níveis de atenção. Além disso, a portaria redefine e amplia o processo transsexualizador no SUS, com ações na área ambulatorial especializada e hospitalar, fornecendo acesso a tecnologias como a hormonização (testosterona), exames laboratoriais para acompanhamento, equipe especializada multiprofissional e procedimentos cirúrgicos.

Verifique se existe algum ambulatório habilitado em sua região, por meio do link da citada Portaria de Consolidação: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prc0002_03_10_2017_comp.html

17 REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Coordenação de Prevenção e Vigilância. Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede. **Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero**. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: INCA, 2016a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações. **Informe técnico da ampliação da oferta das vacinas papilomavírus humano 6, 11, 16 e 18 (recombinante)**: vacina HPV quadrivalente e meningocócica C (conjugada). Brasília: Ministério da Saúde, 2018a. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/14/Informe-T--cnico-HPV-MENINGITE.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2019

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Manejo da Infecção pelo HIV em Adultos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Hepatite C e Coinfecções**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018c.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Hepatite B e Coinfecções**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018d.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Prevenção Combinada do HIV: Bases conceituais para profissionais, trabalhadores(as) e gestores(as) de saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2017a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.** 1. ed., 1. reimp. Brasília: Ministério da Saúde, 2013a. 32 p. Disponível em <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Manual dos Centros de Referência para Imunobiológicos Especiais.** 4. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014a. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2014/dezembro/09/manual-cries-9dez14-web.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Núcleo Técnico do Cartão Nacional de Saúde. **Nota Técnica nº 18/2014.** [On-line] 2014b. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2014/setembro/24/NOTA-TECNICA-NOME-SOCIAL-18-2014.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.820, de 13 de agosto de 2009. Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde. **Diário Oficial da União,** Brasília, Seção 1, 14 ago. 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017. Consolidação das normas sobre as políticas nacionais de saúde do Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União,** Brasília, Seção 1, 3 out. 2017b. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prc0002_03_10_2017_comp.html>. Acesso em: 24 jan. 2019.

NEMOTO, T.; OPERARIO, D.; KEATLEY, J. A. et al. HIV Risk Behaviors Among Male-to-Female Transgender Persons of Color in San Francisco. **Am. J. Public Health,** [S.l.], v. 94, n. 7, p. 1193-1199, jul 2004.

SOUZA et al. (Coord.). **Projeto transexualidades e saúde pública no Brasil:** entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans. Relatório descritivo. Belo Horizonte: NUH/UFMG, 2015. Disponível em: <<http://www.nuhufmg.com.br/homens-trans-relatorio2.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

ISBN 978-85-334-2635-1



9 788533 426351



Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde
www.saude.gov.br/bvs



Ministério da
Saúde



ESTADO
BRASIL
GOVERNO FEDERAL